

Coalizão-em-processo: estratégias de ativação do Arquivo Davida

Coalition-in-process: strategies for
activating the Arquivo Davida

Coalición-en-proceso: estrategias de
activación del Arquivo Davida

Angie Donini
Amanda Calabria

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20309>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025023

Coalizão-em-processo: estratégias de ativação do Arquivo Davida

Angie Donini

 <https://orcid.org/0000-0003-4576-3549>

> necadonini@gmail.com

Doutora em Psicologia Clínica

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Amanda Calabria

 <https://orcid.org/0000-0001-5631-6643>

> melcalabriaa@gmail.com

Doutora em História

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

*Hay tantísimas fronteras que dividen a la gente,
pero por cada frontera existe también una puente.*

Gina Valdés

A proposta deste ensaio é compartilhar como temos tecido nossa colaboração em aliança com o Coletivo Puta Davida, uma organização ativista com atuação histórica pelos direitos das prostitutas, fundada pela prostituta e ativista Gabriela Leite, em 1992, como ONG Davida - Prostituição, Direitos civis e Saúde. O coletivo é constituído por prostitutas e atua em parceria com aliadas de diferentes trajetórias profissionais e ativistas. Está baseado no Rio de Janeiro e desenvolve ações em espaços do cenário nacional e internacional.

Nossas aproximações com a organização aconteceram em diferentes momentos e remetem aos plurais interesses de vida e posições sociais, às escolhas que fizemos e às apostas em cada encruzilhada. O que compartilhamos em comum nessa trajetória de colaborações tem sido o engajamento em projetos criativos em artes visuais decorrentes de imersões no Arquivo Davida.

A ONG Davida foi pioneira na constituição de um trabalho de memória do movimento brasileiro de prostitutas.¹ Desde a criação da organização no cenário da redemocratização

¹ O movimento brasileiro de prostitutas tem como marco fundacional o I Encontro Nacional de Prostitutas – “Mulher da vida, é preciso falar”, realizado no Rio de Janeiro em 1987. O Arquivo Davida reúne material significativo deste momento, incluindo carta convocatória, fitas VHS com registro das plenárias, atividades artísticas e depoimentos de prostitutas de diferentes regiões do Brasil que chegaram para o Encontro.

brasileira, Gabriela Leite, em um gesto visionário, iniciou um processo de preservação da documentação do cotidiano dos ativismos das prostitutas pela conquista de direitos e o combate ao estigma. Tal esforço permitiu o registro e a preservação de um vasto repertório de memória da atuação política das associações de prostitutas no Brasil. O conteúdo, originalmente preservado pelo Davida, registra cerca de 40 anos de história e agrega materiais de diferentes naturezas, como vídeos, cartas, cartazes, panfletos, fotografias, periódicos, objetos pessoais etc. Em 2013, esse conteúdo documental foi doado para o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).² Desde então, integrantes e aliadas do coletivo têm buscado manter vivo o trabalho de memória por meio do registro e de ativações das ações ativistas, para que o Davida permaneça sendo uma organização que se volta tanto à atuação cotidiana quanto à preservação da memória do ativismo.

O encontro com o Davida tem nos oportunizado a criação de uma intensa e ampla rede de afetos, um trabalho colaborativo de permanente interrogação sobre os modos e lugares desde os quais atuamos, e como esses podem ser positivamente repertoriados e se tornarem espaços de acolhimento para pessoas que exercem o trabalho sexual.

Atuar em colaboração com o ativismo de prostitutas para nós é uma estratégia de aliança e de busca por coalizão, no sentido daquilo que nos convoca a fazer coro com as pautas prioritárias da luta nos lugares por onde circulamos. Essa colaboração, entretanto, nos direciona a um alerta permanente sobre os modos de engajamento, uma vez que não somos protagonistas desta história, portanto, não podemos acionar nossas proposições e dispositivos de ação sem que isso seja feito conjuntamente. É a partir da interrogação permanente e do reconhecimento das diferenças que nos atravessam que esse afeto se desenvolve, de maneira que a aliança implica, antes de tudo, um respeito à autodeterminação das prostitutas, aos seus modos de organização, estratégias e debates públicos.

Os meios para se aliançar podem ser muitos, mas sabemos que quaisquer dispositivos acionados não serão suficientes em um mundo que criminaliza e não constrói empatia com as pessoas que exercem o trabalho sexual. Se aliançar em projetos de interesse das prostitutas exige permanente crítica sob o que estamos considerando como o prioritário em cada gesto e iniciativa, tomando atenção às pautas de luta e suas urgências. Neste sentido, colaborar com organizações lideradas por prostitutas demanda escuta, questionamentos acerca de nossas posicionalidades e cuidados éticos na relação. Nesses caminhar se apresentam limites e contradições, ao tempo que se abrem possibilidades criativas de interlocução.

2 A história do Arquivo Davida perpassa a constituição e intencionalidade de guarda, as estratégias de sistematização do acervo e a cartografia dos lugares por onde o próprio conteúdo documental foi abrigado na cidade do Rio de Janeiro até a chegada de parte significativa do acervo ao APERJ. A magnitude de seu significado político pode ser exemplificada pela contundência da atuação da categoria em fins da ditadura civil-militar e durante a redemocratização brasileira. Sua singularidade, um arquivo sonhado e materializado no protagonismo de prostitutas, expressa não somente as violências vivenciadas pelo movimento nesse período, mas suas práticas e estratégias políticas para afirmação e positividade da prostituição.

Há muito interesse acadêmico sobre a prostituição nos últimos anos, o que nem sempre se converte efetivamente em ações continuadas e cotidianas nos diferentes lugares onde atuamos. Entendemos que nós, profissionais acadêmicos, precisamos praticar a autocrítica permanente em uma percepção reguladora de que este lugar é um ponto importante na trama social, mas não é o único em que devemos dirigir nossas atuações, tampouco o prioritário.

A representação histórica depreciativa e a fetichização das prostitutas como uma existência exótica, somadas aos princípios fundadores das ciências humanas em tomar o “outro” generificado como objeto de investigação (Patai, 2010), lançam numerosos desafios para o desenvolvimento de relações que atravessam o universo acadêmico, ainda que não se restrinja a ele. Assim, como construir aproximação, empatia, aliança e se permitir ao encontro, à luta colaborativa, mas sem tomar o protagonismo da voz e da luta? Como não transformar as experiências vividas com prostitutas, confiadas no afeto e parceria, em “mais valia” ao nosso favor quando circulamos em outros grupos sociais? Ou mesmo, como não nos encerrarmos em uma postura utilitária, em que nos apropriamos do repertório de luta apenas como dado de pesquisa ou de criação que alimenta nossas produções?

Não temos respostas imediatas a esses questionamentos. As reflexões que animam este ensaio expressam algumas das inquietações que nos tocam permanentemente, de maneira que não nos posicionamos exteriores às dimensões opressivas e estruturantes da colonialidade e suas reproduções putafóbicas e estigmatizadoras. É importante pontuar que estamos inseridos nessa mesma lógica de reprodução de mundo, e, portanto, buscamos nos engajar ética e politicamente em possibilidades de se responder ativa e positivamente à essas reproduções.

Nos propomos a debater sobre os desafios e as possibilidades de relação, criação e aliança com prostitutas ativistas, considerando nossas experiências e os atravessamentos de interesses, caminhos e diferentes posições. Buscamos mobilizar reflexões implicadas sobre as possibilidades de se “fazer com” a partir de nossas miradas e práticas, nossos transbordamentos e compromissos com um ativismo desde posições autonomistas relacionais e descoloniais, o que atravessa interesses e engajamentos acadêmicos, mas não se encapsula nesses fins. Tomamos como princípio disparador os debates produzidos pelo movimento brasileiro de prostitutas: os delineamentos em torno da autodeterminação, do combate ao estigma e das estratégias de descriminalização do trabalho sexual (Leite, 2009; Leite; Lenz, 2013; Barreto, 2023); as estratégias discursivas e relacionais em uma pauta feminista engajada (Prada, 2018); e, especialmente, as partilhas e os aprendizados vivenciados no encontro com as ativistas, com ênfase nas experiências entre arte, memória e ativismo desenvolvidas no cotidiano de colaboração com o Coletivo Puta Davida.

Vale demarcar que entendemos como aliança a possibilidade de colaborar e compor política e afetivamente com lutas das quais, muitas vezes, não somos protagonistas, mas acreditamos na possibilidade de nos posicionarmos de forma empática e solidária nas situações cotidianas, no apoio à conquista e proteção de direitos. Para nós, a aliança pode se traduzir em uma coalizão efetiva ao apoiarmos com radicalidade a vocalidade das pautas de luta, seja contri-

buindo com as atividades de um movimento social, seja fomentando, nos espaços em que ocupamos e junto à comunidade, atividades nas quais temos alguma experiência anterior, como por exemplo, a realização de filmes, exposições, cursos e oficinas.

Nesse sentido, acreditamos ser possível colaborar desde as distintas posições e engajamentos situados sob princípios solidários e éticos ativistas. Isso não significa um acoplamento superficial, um pertencimento e afeição acrítica, o que pode, em uma armadilha, nos crer quase putes ou tomarmos um protagonismo discursivo. Temos insistido em uma coalizão que não significa renunciar às diferenças e posicionalidades, mas reconhecê-las como força crucial, capacidade de reflexão e oportunidade de aprendizado, e, a partir de então, construir coordenadas políticas lastreadas em horizontes comuns.

A busca pela colaboração respeitosa tem sido uma mirada importante para estabelecermos princípios, contornos e possibilidades de elaboração, mas também para fomentarmos espaços de formação e de criação desde os diferentes saberes e autoridades. A construção de alianças não se dá em uma lógica linear e progressiva, não é imediata e não se traduz em uma fórmula relacional, pela qual podemos seguir repetindo as interlocuções vitoriosas. É necessário, a cada processo, que se revise a motivação e o propósito das iniciativas, observando, atentamente e com atitude interrogativa, o modo como estamos nos engajando. Estamos efetivamente colaborando com as prostitutas? De que modo? Que interpelações podemos mobilizar nos espaços por onde circulamos? E se criarmos um espaço dialógico em que seja possível também nos colocarmos sob avaliação pelo próprio movimento?

Nossos posicionamentos e práticas refletem não somente o tanto aprendido com a organização de prostitutas, mas também com as relações anteriores que tivemos em espaços de luta transinclusivos, antirracistas, anticapitalistas e, ainda que feministas, críticos ao feminismo hegemônico - branco, letrado e classista. Os principais referenciais que fundamentam nosso ativismo e a política de coalizão que acreditamos estão nos ativismos, nas teorias e epistemologias do feminismo descolonial, em sua potencialidade de localizar e problematizar a estruturação da matriz de opressão que funda nossa sociedade a partir da trama raça, gênero, classe, sexualidade e território, e nas possibilidades de construção de resistências e respostas comunitárias.

Para María Lugones (2019), a matriz do mundo em que vivemos é sustentada pela tríade indissociável modernidade, colonialismo e capitalismo global, que hierarquizou e subjugou povos a partir da invenção e atribuição das noções de raça, gênero, classe, sexualidade e território, as quais não operavam como distinções classificativas originárias dessas comunidades. Nessa perspectiva, não é possível pensar os marcadores separadamente, assim como ignorar os efeitos estruturantes da fundação desse modelo colonial global, que se mantém e reatualiza mesmo com o fim dos processos de escravização. Considerarmos nossas posições desde essa matriz imposta é um importante ponto de partida para o encontro com as diferenças que nos constituem.

Outro importante aprendizado do feminismo descolonial é a contundente crítica à separabilidade entre academia e mundo social, a dissociação entre teoria e práxis (Curiel, 2023). Neste sentido, uma prática que se reporta aos conhecimentos e experiências encarnadas, vividas e partilhadas no mundo social é bastante inspiradora, especialmente, ao evocar as coletividades das quais se é egressa. Essa posição aposta em produções coletivas criadoras frente à colonialidade, refletindo a multivocalidade do encontro dos saberes em suas diferenças.

No esforço de se pensar as relações no complexo tecido social das diferenças, Lugones propõe uma ética da coalizão-em-processo:

Finalmente, estou interessada em uma ética da coalizão-em-processo em termos de um ser-sendo e um ser-sendo relacional que estende e interconnecta seu solo povoado. Consigo pensar no Eu relacional como uma resposta à colonialidade dos gêneros na diferença colonial a partir de um lócus fraturado, apoiado em uma fonte alternativa comunal de sentido que torna possível elaborar respostas. A direção da possibilidade de fortalecimento da afirmação e alternativa do Eu relacional não está no repensar da relação com o opressor no ponto de vista do oprimido, e sim no aprofundamento da lógica da diferença e da multiplicidade e da coalizão no ponto de vista da diferença. (Lugones, 2019, p.371)

Essa perspectiva nos inspira a promover e nutrir os espaços de encontros entre diferentes sujeitos e grupos historicamente afetados pela colonialidade como uma aposta na política de coalizão, em que a elaboração processual e coletiva se desenha de modo formativo, afirmativo e criativo. Como dissemos, isso implica em aprender com as diferenças e posicionalidades, e não estabilizar e neutralizá-las sob um princípio de igualdade inócuo, o que presume enfrentar as próprias contradições e as situações de opressão que venham a se reproduzir entre as pessoas envolvidas, uma vez que essas condições não são fixas e imutáveis. O trabalho coletivo de assimilação e reflexão sobre as diferenças permite uma práxis constantemente criadora em busca da descolonização das subjetividades.

É nesse fluxo de chegada, que não dissocia o pensar, o fazer, o subjetivo e o estrutural, que construímos nossas posições a partir da busca por uma ética de existência pelo encontro com as diferenças, nos propondo a relações desafiadoras e práticas confrontativas das reproduções coloniais que carregamos. Assim, o feminismo descolonial tem sido fundamento e força-motora para a instauração de plataformas de elaboração e de uma prática criadora implicada com as questões sensíveis geradas nas vivências em comunidades com as quais colaboramos. Esse tem sido um aporte comum para nosso desejo de encontro com o Davida e as iniciativas ativistas com as quais nos engajamos, em toda a complexidade que isso requer, o que tem produzido também partilhas de afetos. Essa intensidade nos atravessou e tem transbordado nossos cotidianos de ação.

Política, arte e memória na trajetória do Coletivo Puta Davida



Imagem 1 – Homenagem à Gabriela Leite no Cemitério do Catumbi
(Acervo do Coletivo Puta Davida, 2023)

Em 1987, foi realizado o I Encontro Nacional de Prostitutas, “Mulher da vida, é preciso falar”, na cidade do Rio de Janeiro, com uma convocatória geral para as prostitutas de todas as regiões do Brasil. O encontro respondia a um histórico de opressão e criminalização e, de forma inaugural, mobilizava um discurso positivo e afirmativo para as prostitutas, convocando-as a se organizarem e se posicionarem publicamente. Ali, ficou combinado que elas retornariam às suas cidades e contribuiriam com a fundação de associações locais. Gabriela Leite, uma das idealizadoras que atuou fortemente na realização do I Encontro, já se articulava com prostitutas, aliadas, movimentos sociais e instituições diversas. Suas articulações foram responsáveis pela fundação da ONG Davida em 1992, que atuou no impulsionamento de um extraordinário movimento de capilarização das questões relativas à prostituição na arena pública mais ampla.

Entre as principais atividades desenvolvidas pelo Davida nas primeiras décadas, especialmente pela capacidade de mobilização de Gabriela, destacamos o produção do periódico “Beijo da rua”, que, por muitos anos, foi o principal veículo de comunicação entre as prostitutas; a construção de uma agenda trabalhista da prostituição junto a lideranças partidárias e movimentos sociais; a conquista do verbete da profissão na Classificação Brasileira de Ocupações, em 2002 (5198-05), que contou também com a participação de outras lideranças; o desenvolvimento de projetos nacionais voltados para políticas de saúde pública, junto a um intenso e radical debate sobre direitos sexuais; a construção de estratégias de mobilização de cunho artístico e cultural, como o “Cabaré da Vida”, “Carnaval de Negócios” e a grife Daspu, criada em 2005, dentre outros.



Imagem 2 – Jane Eloy em desfile Daspu. Fotografia que integrou a exposição “Toda Memória é da Vida” (Perez, 2006)

A trajetória da organização é longa e não caberia nos contornos desse artigo, mas vale saber que Gabriela Leite a liderou até 2013, em seus últimos dias de vida. Com sua partida, houve uma mobilização conjunta para que a organização pudesse seguir com presença e impacto no campo do ativismo pelos direitos das prostitutas no Brasil. Também foi necessário que algumas iniciativas buscassem fôlego para a manutenção e a intensificação das parcerias, especialmente o estímulo à entrada de novas lideranças na organização. Nesse momento, foi fundamental a chegada das lideranças Indianarae Siqueira e Betânia Santos, que, sensíveis e atentes à urgência de perpetuar o legado de Gabriela, prontamente integraram e se engajaram no Coletivo, mesmo com um cotidiano intenso nas organizações em que atuavam anteriormente.

Em sua trajetória recente, a organização passou por processos de reestruturação que fizeram da antiga ONG o atual Coletivo Puta Davida em uma aposta pela autogestão e uma organização menos hierárquica, evidentemente, mantendo a agenda pela defesa da categoria e o combate à estigmatização da profissão. A chegada de novas e jovens lideranças animou os ares, mobilizando um importante debate sobre o protagonismo na gestão e condução de processos. A atuação de prostitutas negras, trans e travestis se ampliou, o que tem possibilitado um renovado repertório de debates e incidência política em novos territórios da cidade. Esse aspecto foi particularmente relevante, porque suscitou contornos e impulsos para uma atuação de aliadas de forma mais colaborativa e recuada, ao tempo que substanciou a composição de princípios feministas antirracistas e trans inclusivos para a condução da luta.

O processo de debate sobre o protagonismo e as intensas reflexões a respeito da efetividade da aliança nos direciona a um trabalho a partir dos repertórios da memória e da ativação do Arquivo Davida, que consideramos ser desde onde podemos potencialmente colaborar. Tal debate tem impulsionado movimentos de acolhimento e empatia entre vivências LGB-TQIAPN+ e negras no contexto da prostituição. Os espaços de partilha e convívio entre as diferenças e particularidades de condições de mundo têm sido especialmente férteis por envolver pessoas diversas, ainda que as contradições e os limites estejam sempre a nos exigir elaboração permanente sobre nossas posicionalidades. Assim, o trabalho de memória também tem contribuído para que os desafios enfrentados no momento atual possibilitem uma elaboração dos acontecimentos passados, mobilizando discussões sobre presenças e ausências na longa trajetória da organização.

Vemos nessa caminhada uma oportunidade de reforçar nossas alianças em uma aposta pela coalizão-em-processo, tal qual defendida por Lugones (2019), que reconhece o desafio e a potencialidade de uma construção mútua a partir das histórias de resistência cujas fraturas tem sido produzidas pela colonialidade. Habitar de forma responsiva e ativa esse lugar possibilita aprendermos uns com os outros. De nossa parte, temos buscado atuar nas transtemporalidades da luta das prostitutas frente aos projetos de democracia, fortalecendo a comunidade com seu importante instrumento de luta, a memória, e repertoriando os espaços públicos com as presenças de prostitutas nas cenas macro e micropolítica.

Ativações do Arquivo Davida



Imagem 3 – Frame do filme “Lutar como uma puta” (Donini *et al.*, 2024)

Nos caminhos singulares que trilhamos, dentre as confluências e desejos de colaboração, um dos trabalhos que temos praticado junto ao Davida tem sido no campo da memória. As iniciativas com as quais nos engajamos coletivamente estão focadas na investigação, preservação, organização e difusão do conteúdo do Arquivo Davida, além de atuar também no registro das ações cotidianas do Coletivo como uma forma de sustentar a estratégia arquivística iniciada por Gabriela.

Elegemos o trabalho sobre a memória de luta da categoria como destaque a ser compartilhado, porque esse tem sido um manancial de aprendizagens sobre a trajetória e incidência política do movimento de prostitutas. Também porque, por meio do acionamento do conjunto documental, temos conseguido potencializar a nossa atuação enquanto aliadas, buscando criar ativações comunitárias e públicas.

A convivência com esse acervo documental transborda os contornos da investigação. É possível se esquecer do tempo ao ler as colunas da Gabriela no jornal “Beijo da rua”, e, a partir delas, compreender um pouco da visão da liderança sobre o quebra-cabeça dos debates políticos do movimento naquela conjuntura. É possível se aproximar dos anseios e apostas de cada protagonista dessa história, ao escutar suas vozes nas fitas cassetes dos encontros e oficinas. Cada mergulho nos instiga a conhecer mais a fundo quem eram as pessoas que se engajaram na luta, que contextos políticos marcaram certas conversas, quais os conflitos em voga, que pautas se tornaram prioritárias etc. Entre os vestígios do passado de luta e suas significações no presente, temos aprendido e compartilhado um tanto mais sobre a história do Davida e do movimento nacional de prostitutas.



Imagem 4 – III Encontro Nacional das trabalhadoras do sexo. Fotografia que integrou a exposição “Toda Memória é da Vida” (Arquivo Davida, 1994)

Vale dizer que o conteúdo do Arquivo impulsiona também um processo de formação interno. Foi por meio do contato com os materiais documentais que as prostitutas que ingressaram recentemente no Coletivo se conectaram pela primeira vez com certas putriarcas do movimento. Ainda que algumas delas já tenham partido, o registro de suas falas, dos momentos de partilhas e tessitura das pautas prioritárias de luta estão ali, nas fitas cassetes, nos VHS e nas matérias de jornal. Uma intensa e profunda relação transtemporal tem sido desenvolvida junto à nova geração de ativistas por meio dos encontros com o Arquivo Davida, estimulando reconhecimentos e aproximações, transformando os sentidos da prostituição em suas vidas e repertoriando a luta no presente a partir, também, dos saberes do passado. Como por exemplo, o que a ativista Naara Maritza de Sousa escreveu sobre o encontro com Gabriela por meio do jornal “Beijo da rua”:

O primeiro contato com a leitura do jornal me levou a um estágio de euforia, de reconhecimento, de empoderamento. Trinta e dois anos haviam se passado desde que Gabriela escreveu a coluna e, ao ler seu texto e desejos eternizados em palavras escritas, o sentido de tempo se perdeu, as palavras de Gabriela eram também as minhas. Convencida de que também iria mostrar minha cara de prostituta decidi naquele instante que seguiria com nossa luta. (Donini *et al.*, 2025, p.132)

Em investigação recente, desenvolvida de maneira colaborativa com Naara Maritza de Sousa e Laura Murray, ambas integrantes do Coletivo, nos lançamos a uma experiência cartográfica junto aos repertórios pluridiversos do Arquivo Davida, elegendo temas e suportes documentais pouco trabalhados, muitos deles apenas disponíveis para consulta no APERJ. Para além dos aspectos formativos, nos encontramos com as apostas insistentes e os desafios com os quais a organização se deparou ao longo do tempo, e pudemos, em um olhar à contrapelo, encontrar brechas, fragmentos e ausências. A cartografia contribuiu também para uma reflexão mais profunda sobre a genealogia e permanência de alguns dos desafios enfrentados atualmente pela categoria, como a fragilidade do apoio entre os movimentos sociais e partidos políticos, e o paulatino crescimento dos pânicos morais suscitados pela extrema direita. A investigação foi publicada em uma coletânea organizada pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Decorrente deste processo realizamos o curta metragem “Lutar como uma puta” (2024), que traremos mais à frente como uma das ativações.

Praticar a recomposição de sentidos do material contido no Arquivo Davida por meio da cartografia tem nos possibilitado tanto impulsionar uma reflexão sobre o trabalho de memória com a comunidade quanto colocar em debate público uma memória histórica de luta que se inicia na redemocratização brasileira, evocando, assim, a potencialidade de instaurar mundos cuja consistência pode servir de base para o presente e inspiração para seguirmos. Ou seja, os documentos reunidos e arquivados por Gabriela traduzem um repertório para uma ativação crítica da trajetória de luta do movimento organizado de prostitutas, especialmente sua atuação no processo de redemocratização brasileira, uma vez que a categoria não é comumente lembrada em sua contribuição na memória histórica do período.

Essa reflexão especialmente nos toca e nos convoca a questionar: que pessoas e comunidades possuem direito à memória e direito ao arquivo? Que acontecimentos são significativos para a memória histórica brasileira? Como viabilizar a difusão deste acervo documental mantendo o compromisso comunitário com as prostitutas?

Vibrantes com a proposição de um arquivo vivo, produzido e conectado relacionalmente aos sentidos assumidos nas comunidades, debate promovido por Gustavo Caboco Wapichana e Tipuici Manoki,³ assim como nutrides pelo percurso de trabalho em torno das características de sistematização e difusão de arquivos comunitários, desenvolvido na iniciativa TACAL (Talleres de Archivística Comunitaria en América Latina),⁴ temos buscado articular processos diversos de ativação do Arquivo Davida junto das prostitutas ativistas, pensando como o conteúdo do arquivo se relaciona com o ativismo no presente e de que maneiras esses materiais podem circular publicamente.



Imagem 5 – Teia de memórias. Exposição “Toda Memória é da Vida”
(Acervo Coletivo Puta Davida, 2022)

3 Para os pensadores indígenas, “O arquivo está no encontro, é vivo, não é apenas o arquivo digital ou registro da experiência. Está no canto, na rede: no ‘campo invisível das traduções’”. Wapichana e Manoki, 2023, p. 42.

4 Realizamos coletivamente o curso TACAL 2024 - Talleres de Archivística Comunitaria en América Latina, desenvolvido pela organização Archivistas en Espanglish. O curso se dirigiu a uma ampla formação abarcando as diferentes etapas de trabalho com os arquivos, como a organização e descrição arquivística, a difusão, promoção e a conservação documental. O trabalho gerou um manifesto coletivo produzido pelos diferentes grupos envolvidos e será publicado digitalmente pela organização.

Uma das atividades de ativação da memória que nos engajamos foi o trabalho de curadoria desenvolvido juntamente com Laura Murray⁵ e com pesquisa de Naara Maritza para a exposição “Toda Memória é da Vida” (2022), que integrou as atividades do “Festival Be Yourself”. Realizado no Circo Voador, importante espaço de ativismo cultural carioca. O festival celebrou, conjuntamente, os 35 anos do movimento brasileiro de prostitutas, os 30 anos da organização Davida e os 30 anos do movimento trans no Brasil.

O trabalho de curadoria da exposição atuou em dois processos que confluíram na teia de memórias entre o acervo iconográfico do Coletivo, que se encontra no APERJ, e as fotografias e outros objetos biográficos trazidos por prostitutas de diferentes regiões do Brasil. Anteriormente ao evento, propusemos que as lideranças escolhessem algumas fotografias para compor coletivamente as memórias do movimento. As principais imagens se referiam a encontros nacionais referenciais, aos momentos fundadores das associações em que se engajam e outros momentos expressivos, sempre se reportando à comunidade de luta.

Assim, a exposição perpassou de forma espiralar a trajetória do Davida e compôs um repertório pluridiverso de memórias de importantes lideranças das outras regiões brasileiras, tendo amplo repertório intergeracional e motivando o diálogo de rememoração dos acontecimentos suscitados pelas imagens, o que reverberou em sentidos de reconhecimento e pertencimento mútuos entre gerações de prostitutas (Donini *et al.*, 2025).

A pesquisa de curadoria procurou traçar o percurso temporal do conteúdo do arquivo, com destaque para a trajetória do Davida, mas também elegeu registros feitos em contextos estratégicos de decisões políticas do movimento. Desse modo, a exposição contou uma história multivocal com registros de contextos e ambientes diversos, como por exemplo, do 4º Encontro Nacional, mas também fotos de Gabriela Leite, Doroth de Castro, Maria Nilce, Jane Eloy, Betânia Santos, Nilza Marinho, estas últimas, prostitutas negras que integraram/integram o Davida em diferentes períodos da história da organização.

5 Embora a curadoria da exposição tenha sido conduzida por três pessoas, sua realização, pesquisa, montagem e registro contou com a colaboração de inúmeras pessoas de diferentes organizações, estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, amigos, ativistas e colaboradores do Davida.



Imagem 6 – Doroth de Castro. Fotografia que integrou a exposição “Toda Memória é da Vida”
(Arquivo Davida, s/d)



Imagens 7 e 8 – Nilza Marinho e Betânia Santos em desfile Daspu, Festival Mulheres do Mundo (Carrera, 2018) e Maria Nilce em desfile Daspu na Praça Tiradentes (Berlanda, 2007), ambas as fotografias integraram a exposição “Toda Memória é da Vida”.

Outra ativação pública se traduziu no evento “Toda memória é da vida: percursos e ativações do Arquivo Davida”, ocorrido no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, em 2023. A Praça Tiradentes é um lugar de memória da prostituição na cidade, especialmente, na trajetória do Davida. Foi, por anos, um espaço de atuação política e promotor de ações de acolhimento e de realizações artísticas, como o Cabaré Davida. O antigo Hotel Paris, localizado na Praça e ocupado por prostitutas, chegou a ser um escritório do Davida e um provisório local de guarda do arquivo. Dentre as atividades, propusemos uma conversa envolvendo duas ativistas, Betânia Santos e Naara Maritza de Sousa, disparada por um arquivo sonoro de Gabriela Leite durante o “I Encontro Fluminense das Profissionais do Sexo” (2002), preservado em uma fita cassete.⁶

De todos esses nomes que existem, você pega o dicionário do Aurélio, tem uma página inteira com as várias denominações que existem sobre a prostituta. De todos os que existem, o que eu gosto mais, o que eu acho mais sonoro é puta. Eu acho lindo puta, acho muito bonito. Eu acho que nós devemos estar falando esses nomes que a sociedade considera feio para que um dia ele se torne bonito. Por que é um nome feio? A gente sabe que é devido ao preconceito. Então a gente tem que voltar pra trás, se chamar de puta sim, de prostituta, se chamar do que a gente quer se chamar, mas dar muita ênfase à essas palavras que a sociedade acha feio. Veja bem, os nossos filhos, todas nós somos mães, essa coisa toda, eles carregam com ele o maior palavrão da sociedade brasileira. Os nossos filhos são realmente filhos da puta.

Em uma elaboração com o fragmento sonoro extraído da fala de Gabriela, a ativista Betânia Santos trouxe para o público um conjunto de reflexões, dentre as quais elegemos um pequeno trecho em que destaca a autoafirmação e agência sobre sua chegada na profissão e no ativismo:

Quando a gente fala do papel é porque ele é muito importante pra gente, a gente já tem ocupação, a gente quer legislação. [...] Pra gente é muito mais viável que nós sejamos sim trabalhadora sexual, nós entremos dentro da CLT, como categoria de trabalhadores, como companheiros, e é por isso que hoje eu estou nessa luta. E quando eu recebi o chamado de Gabriela, eu não recebi porque Gabriela virou minha melhor amiga, eu recebi o convite de Gabriela porque eu sou uma prostituta e eu quero estar neste lugar onde eu estou, não fui induzida por ninguém, não fui contratada por ninguém. Eu estou aqui. Desde 2014 que eu estou no Davida porque foi uma escolha que eu fiz. Eu quero estar nesse lugar, porque é esse o lugar que eu escolhi estar.⁷

O evento também proporcionou uma entrevista pública com Flávio Lenz, editor e um dos criadores do jornal “Beijo da rua”, mediada por Gabriel Alencar. Neste espaço, procuramos dispor parte do conteúdo da exposição “Toda Memória é da Vida” e projetamos materiais do arquivo para um encontro afetivo com essa memória. Portanto, a entrevista foi mediada por essa composição imagética, o que permitiu a ele e ao público uma interação entre o processo

6 Gabriela Leite. *I Encontro Fluminense de Profissionais do Sexo*. 2002. Transcrição de fita cassete. Arquivo Davida. APERJ.

7 Betânia Santos. *Toda Memória é da Vida: Percursos e ativações do Arquivo Davida*. 2023. Arquivo Davida. Coletivo Puta da Vida.

de rememoração oral de Flávio sobre acontecimentos significativos ligados ao periódico e a trama documental imagética.

Como já mencionado, o desenvolvimento da investigação cartográfica “Toda memória é da vida: ativação do arquivo de prostitutas face aos limites da democracia brasileira”, também possibilitou a realização do curta-metragem “Lutar como uma puta”. O filme tem circulado nas redes sociais por meio da CLACSO⁸, e chegou a participar da mostra VII Cine Diversidade, ficando em terceiro lugar na premiação do júri popular. Também foi exibido na mostra audiovisual do XVII Encontro Nacional de História Oral, em Joinville, SC.



Imagens 9 e 10 - Frames do filme “Lutar como uma puta” (Donini *et al.*, 2024). Na imagem 9 extrato do registro do I Encontro Fluminense de Profissionais do Sexo, 2002. Na imagem 10 Eurídice Coelho em registro do I Encontro Nacional de Prostitutas, 1987.

No curta, um conjunto de fragmentos do arquivo é trabalhado em composição com as narrativas orais das ativistas Naara Maritza, Indianarae Siqueira e Betânia Santos, que possuem trajetórias muito diferentes entre si, mas se afinam em um importante debate sobre a defesa do trabalho sexual. No processo de roteirização e montagem, elegemos trechos do I Encontro Nacional, dentre os quais uma conversa entre Gabriela Leite e Eurídice Coelho e uma fala de Lourdes Barreto, em que defendem a importância de organizarem a categoria naquele contexto da redemocratização.

Buscamos também valorizar e visibilizar cenas nas quais prostitutas negras estão ativamente construindo a luta. Nos cortes dos VHS, é possível vermos uma prostituta negra com o poder da caneta nas mãos, registro do I Encontro Fluminense de Profissionais do Sexo, e rostos altivos em que estão encarando a tela, ou seja, “mostrando sua cara”, tendo sido esse um aspecto que priorizamos ao longo da cartografia: a presença de prostitutas negras no conjunto documental do Arquivo Davida.

Em outro trecho, é possível acompanhar o diagnóstico e a crítica contundente de Naara Maritza sobre a moralidade da sociedade em relação à profissão, enquanto se ativa na tela um repertório de extratos do jornal “Beijo da rua” com falas afirmativas sobre a luta, reforçando

8 <https://www.clacso.org/toda-memoria-e-da-vida-ativacao-do-arquivo-de-prostitutas-face-aos-limites-dademocracia-brasileira/>

a história de resistência contra as forças conservadoras resultantes da matriz colonial capitalística cisheteropatriarcal que as discrimina.

Ao criarmos a narrativa do filme, não buscamos a reconstituição do passado, mas uma ativação que considere a atualidade da memória, ou seja, que relacione as posições defendidas pelas lideranças no tempo presente, o que também inclui a visibilização das atuações de mulheres negras e trans com antigos repertórios, heranças e pautas do passado. Essa composição conecta e articula as experiências transtemporais de prostitutas ativistas em uma história comum e atual, fortalecendo narrativamente sua duração e atuação no cenário político brasileiro.

Prostituição e memória: uma batalha que não cessa

Os questionamentos e as estratégias forjadas por arquivos comunitários têm possibilitado um intenso debate sobre o reposicionamento das políticas de memória e arquivo. O período pós-ditadura no Brasil apresenta muitas lacunas acerca das atuações engajadas nas batalhas por direitos. Fazer um inventário das lutas invisibilizadas pelos arquivos hegemônicos é também convocar experiências sensíveis com toda a sua força poética e política.

Neste sentido, a criação de experiências colaborativas e oportunidades relacionais junto ao acervo documental do Davida tem viabilizado reflexões sobre as práticas arquivísticas e as políticas de memória, tem mobilizado no cotidiano dos espaços de memória, arte, cultura e ativismo a circulação das narrativas construídas no âmbito da organização de prostitutas. Tais práticas podem ser pensadas e vividas como um programa de contra-memória, no sentido da produção de repertórios antinormativos, contrários à ficção de começar tudo de novo (Espinosa-Miñoso, 2021), sendo, portanto, estratégias de aliança que possibilitam friccionar de maneira temporalmente espiralada os debates centrais da trajetória de luta das prostitutas, visibilizando suas permanências e atualizações, sem esquecer que seus passos ativistas vêm de longe e nos auxiliam nas guianças para uma atuação comunitária frente à matriz de mundo colonial capitalística cisheteropatriarcal.

Ao nos inserirmos em tais processos há uma constelação de desafios no horizonte das possibilidades criativas de se construir pontes desde as diferenças, em uma aposta que envolve os saberes e autoridades, e que, em coalizão, reverberam a pluralidade das vozes para a elaboração e divulgação dos debates de luta da categoria. É a busca por uma construção com e para as prostitutas, e não uma produção estrangeira sobre a atuação de prostitutas.

Consideramos que neste trabalho de escavação e composição da memória a atenção para a dimensão micropolítica das estratégias pelas quais as prostitutas caminharam na construção de suas lutas, relações e afetos é uma importante ferramenta para se combater as desesperanças e os conservadorismos que nos atravessam no tempo presente. É também uma possibilidade para ocupar com a vivacidade da luta as ausências geradas pelas narrativas hegemônicas, repertoriando as produções em artes visuais e compondo plataformas cotidianas

de debates e elaboração junto à comunidade, nos territórios e espaços virtuais, com vistas a tensionar as tramas e estruturas de poder de modo que se perduz aquilo que nos documentos oficiais vem sendo narrado como diferente, fora da norma e passível de criminalização. Reviravolta necessária que impulsiona novas narrativas, incluindo um aprofundamento da investigação sobre a presença de prostitutas negras e trans no protagonismo do movimento.

No arquivo de prostitutas, organizado e preservado por elas, suas existências são plurais e singulares. Elas têm nome e sobrenome, se relacionam com afeto e cumplicidade com companheiras, filhos e amigos, possuem agência em suas escolhas de vida e são críticas à sociedade, não se reduzindo a alegorias e estereótipos sociais. No Arquivo Davida, vemos parte de suas experiências e trajetórias na confluência de uma organização disputando um projeto de sociedade que as reconheça em suas integralidades de vida e garanta seus direitos, o que vai muito além do campo semântico da vitimização e objetificação.

Reconhecer as reivindicações das prostitutas de outrora, os percursos e os desvios que tomaram e as possíveis e sonhadas chegadas no presente “é uma forma de nomear nosso tempo, pensar nosso presente e visualizar o passado que o criou” (Hartman, 2021, p. 124).

As iniciativas de ativação permitem que a trajetória de ativismo das prostitutas seja mais um dispositivo de luta frente aos projetos conservadores e à propagação de ódio e violência que vem atravessando a democracia brasileira. Criar dispositivos de ativação da memória pode contribuir para a formação de outros imaginários sobre a prostituição, convocando à reparação frente aos regimes de silenciamento que sistematicamente enquadram a prostituição no campo do proibido, do crime, do abuso e do sem/não lugar. Acreditamos que as ativações podem contribuir para a luta pelo reconhecimento das prostitutas como sujeitos históricos, e, quem sabe, forjar novas alianças em efetivas propostas de coalizão, abrindo espaços para a construção de um futuro menos putafóbico, em que possam ter suas vidas, lutas e trabalho respeitados.

Contribuição de autoria: O ensaio foi escrito colaborativamente entre as duas autoras, não havendo hierarquia no processo. A pesquisa que serviu de base para a escrita do ensaio também foi desenvolvida de maneira colaborativa ao longo do ano de 2024 e a autoria da curadoria e do filme mencionados foram feitos conjuntamente.

Financiamento: Parte da investigação foi apoiada pela CLACSO por meio da Convocatória CLACSO de 2023. *Democracia, Derechos humanos y Paz: encrucijadas y desafíos desde el Estado y las organizaciones Sociales.*

Referências

DONINI, Angie; CALABRIA, Amanda; SOUSA, Naara Maritza; MURRAY, Laura. Toda memória é da vida: ativação do arquivo de prostitutas face aos limites da democracia brasileira. *In*: DONINI, Angie; *et al.* **Democracia, derechos humanos y paz: encrucijadas y desafíos desde el estado y las organizaciones sociales**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2025.

BARRETO, Lourdes. **Puta autobiografia**. Belém: Paka-Tatu, 2023.

CURIEL, Ochy. Construyendo metodologias feministas desde el feminismo decolonial. *In*: ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkys (org.) **Feminismo descolonial: Nuevos aportes teóricos-metodológicos a más de una década**. Bogotá: Em la frontera, 2023.

ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkys. **Por que o feminismo descolonial é necessário? e outros ensaios do lado escuro**. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *In*: HARTMAN, Saidiya; *et al.* **Pensamento Negro radical**: antologia de ensaios. São Paulo: Crocodilo Edições e n-1, 2021.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

LEITE, Gabriela; LENZ, Flávio. A trajetória do movimento de prostitutas e sua relação com o Estado brasileiro. *In*: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA). **Análise do contexto da prostituição em relação a direitos humanos, trabalho, saúde e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 2013.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.357 - 377.

PATAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

WAPICHANA, Gustavo Caboco; MANOKI, Tipuici. **“Isso tudo não me diz nada”**: a permanência como ponto de encontro no Arquivo Histórico da Bienal de São Paulo. São Paulo: Picada Livros, 2023.

Submetido em: 31 jan. 2025.
Aprovado em: 26 out. 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“Coalizão-em-processo: estratégias de ativação do Arquivo Davida”, de autoria de Angie Donini e Amanda Calabria, está licenciado sob CC BY 4.0.

